

Crítica genética, agendas, críticas

Celso Giannetti Loureiro Chaves

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – celsoglchaves@gmail.com

Resumo: Há dez anos, apresentei o trabalho “Processo criativo e composição musical: proposta para uma crítica genética em música” no Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética, na presença de Almuth Grésillon, proponente da disciplina de crítica genética. Naquela proposta, fiz um recenseamento da aplicação dos princípios da crítica genética, vindos dos estudos literários franceses, para a música e, particularmente, para a área da composição musical brasileira. Na sua conformação original, a crítica genética propõe a investigação do processo criativo através do ordenamento dos manuscritos de determinado autor e de determinada obra, mirando a recriação das ações que estiveram em operação na construção do objeto (Grésillon, 1994). O primeiro avanço da crítica genética para a música ocorreu provavelmente em 1993 (Genesis, 4), investigando a composição da vanguarda dos anos 1950, Boulez, Stockhausen, Nono. Este avanço ganhou reforço em 2010 (Genesis, 31) e 2015 (Grésillon, Donin & Lebrave), aprofundando os enfoques genético-analíticos em composição musical, área onde os estudos se mostram mais frutíferos. Em 2010, a crítica genética em música já avançava no Brasil, principalmente na USP (Toni, 2005; 2007) e na UFRGS, no vácuo deixado por estudos seminiais sobre processo criativo e crítica genética (Salles, 2004) que, mesmo alargando as áreas de enfoque, estancavam à beira da matéria sonora. Nos últimos anos, o cruzamento das duas disciplinas veio passando por mutações ocasionadas pela natureza do seu objeto, a música, a qual implica demandas que os estudos literários, por óbvio, não previram. Agora, dez anos depois da minha primeira proposta, é possível empreender um novo recenseamento das agendas da interseção crítica genética/música, tão notáveis têm sido as questões suscitadas por sucessivos e diferentes olhares. Hoje se pode observar que a crítica genética, em música, deslocou-se do estudo de manuscritos ordenados cronologicamente, para a observação simultânea do processo composicional pelo geneticista (“in vivo”) (Donin, 2010), chegando aos estudos de autoanálise (Donin, 2019). No Brasil, este deslocamento pode ser observado em dissertações (Pecktor, 2014; Corrêa, 2017) e teses (Oliveira, 2018) e nos meus estudos sobre Tom Jobim (2007; 2017), Armando Albuquerque (2008) e Vitor Ramil (2013). O acúmulo dos ajustes de foco fez da crítica genética musical, no Brasil, um mecanismo efetivo para a avaliação do processo de tomada de decisões em composição, colocando em relevo aquilo que o compositor fez, o que ele quase fez e o que ele desistiu de fazer. Não são tanto as obras musicais que são iluminadas neste enfoque, mas sim é o processo criativo composicional que se mostra nas suas certezas, nos seus retrocessos e nas suas dúvidas. Ainda falta à crítica genética musical brasileira a sistematização desses desdobramentos e da própria relevância desta interseção de áreas para a compreensão dos processos de composição musical. O presente trabalho é um passo nesta direção, ao mesmo tempo em que configura um esforço de integração da crítica genética ao âmbito da crítica musical stricto sensu.

Palavras-chave: Crítica genética. Composição musical. Processo criativo. Crítica musical.

IV Simpósio Internacional Música e Crítica
Centro de Artes – Universidade Federal de Pelotas
23-24 de novembro de 2020

Celso Loureiro Chaves, compositor, é professor orientador do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É doutor em composição pela University of Illinois at Urbana-Champaign e bacharel em arquitetura pela UFRGS. Em 2013 lançou o CD autoral “Balada para o avião que deixa um rastro de fumaça no céu / Estética do Frio II”. Sua obra “Estética do Frio III” foi uma das encomendas OSESP para a temporada de 2014 e seu concerto de violino “Museu das coisas inúteis” foi estreada por Luiz Felipe Coelho e a OSESP em 2017 e pela Orquestra Gulbenkian (Portugal) em 2018. É autor de “Memórias do Pierrô Lunar e outras histórias musicais” (L&PM, 2006) e cronista do jornal Zero Hora. É pesquisador 1A do CNPq e sua linha de pesquisa é a crítica genética aplicada à música e à composição musical. O trabalho científico nesta área, “Translating invented signs into music. The compositional process in A point to the South (2011)”, foi apresentado no congresso “Tracking the Creative Process In Music”, Lisboa, 2019.